

O artesão de mil faces descobre a internet

The Thousand Faces Artisan Discovers the Internet

Eduardo Costa Madeira*

Algumas faces do artesão de mil faces

Em depoimento recente, Reinaldo Santos Neves afirma que seu voto com a literatura é o do artesão. "O artesão que escreve. O artesão que cria. O artesão que não pensa sobre o ato de escrever nem sobre o processo de criação. Apenas escreve e cria." (NEVES, 2003, p.1). Talvez o autor capixaba não "pense" o durante, mas certamente o antes e o depois. Nelson Martinelli Filho (2012) confirma que "Falar da obra de Reinaldo Santos Neves quase sempre suscita adjetivos que valorizem o seu trabalho com a linguagem" (MARTINELLI FILHO, 2012, p. 10). É esse aspecto de criador a serviço da linguagem que nos permite falar em "um escritor em cada livro": "Longe de acomodar-se a um inalterável estilo pessoal, Reinaldo prefere surpreender o leitor com a multiplicidade de escrituras" (VAZZOLER; SANT'ANNA, 2001, p. 19).

Em seus livros, portanto, há sempre uma proposta de linguagem específica daquele projeto. Em entrevista ao jornal *Rascunho* (NEVES, 2018), está dito:

* Mestre em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

A linguagem narrativa vai se esboçando desde os primeiros rascunhos, e vai aos poucos polindo-se a si própria, inclusive com ajuda do inconsciente. Esse processo se estende até à boneca do livro. Depois de impresso, numa releitura, e tarde demais, sempre descubro inúmeras possibilidades de aperfeiçoamento. Já se disse que meus romances são romances de linguagem. Cada projeto tem uma opção de linguagem própria, ou seja, cada um é escrito numa língua literária diferente. Essa escolha pode ser determinada de antemão, como usar linguagem arcaizante num romance ambientado na Idade Média, ou à medida que começa o trabalho de redação, como se esperando o peixe para fisgá-lo (NEVES, 2018a, p. 1).

O romance *A crônica de Malemort* (1978) é inspirado em *O eleito*, de Thomas Mann. A narrativa, que acontece na França entre os anos de 1347 e 1356, é escrita em símile deveras rigoroso do português arcaico, fruto de extensa pesquisa bibliográfica. Na década de 1990, Reinaldo começou a trabalhar numa tradução do texto para o inglês arcaico e, no longo processo de retradução para o português, surgiu a trilogia *Folha de Hera: romance bilíngue* (2010), em três volumes. Nesse processo de retradução, o autor se valeu largamente do artifício das falsas atribuições, numa espécie de “extensão” do projeto borgeano, culminando num volumoso romance de mais de mil páginas. Quem assina o manuscrito, dito apócrifo, é um certo Alan Dorsey Stevenson, anagrama de Reynaldo Santos Neves, que assina (com y mesmo) como tradutor para o português.

Já o romance *As mãos no fogo: romance graciano* (1983), de ambientação contemporânea, resgata o picaresco e tem como protagonista uma espécie de cavaleiro atrapalhado do século XX, de “natureza grãmente ardente” (NEVES, 1983, p. 17). O poeta de nome Graciano Vaz Daemon, 27, vive desventuras sensuais em Vitória, 1979, não se aguentando de vontade de consumir com a virgem noiva Alice, “pra desgosto de Vênus”. Aqui Reinaldo constrói sua linguagem em analogia paródica com os autos e cantigas medievais, algo que se evidencia, desde o início, pelo tom de pretensa moralidade, pelos períodos curtos e simples, pelo advento de vocábulos arcaicos como “querença” (p. 9), “meitempo” (p. 9), “tão-sós” (p. 9), “cunhã” (p. 14), “toutinegros” (p. 17); pelas escolhas sintáticas inusitadas como em “no que onde iam morar” (p. 9), “assim

que quando casados” (p. 9), “pode que parece até” (p. 10) e “em casa de” (p.10); ou vocábulos que fazem referência ao imaginário medieval como em “camisa sudária” (p. 12) e em “paredes verdejadas de hera” (p. 13); pela escolha culta do pronome “vos”, como em “querer-vos” (p. 11); dentre outras peripécias anacrônicas de sintaxe. A ironia se torna muitas vezes verificada pela invenção lexical, o que configura uma espécie de “neologismo anacrônico”. Há também ricos jogos de palavras que marcam o furor artesão do autor: “Natureza grãmente ardente” (p. 17), “outras apenas numas beijações, nuns manusseios” (p. 18), “Bárbara, cunhada e desejada” (p. 18), “No porte ela tinha senhorias” (p 19). Sobre essa construção da linguagem, o autor entrega as fontes em pós-escrito, pelo menos aquelas que podem ser deduzidas. No tocante à linguagem, afirma, muito lhe valeram obras como, por exemplo, os livros de Antonio Sánchez Romeralo (*El villancico – Estudos sobre la lírica popular en los siglos XV y XVI*), Eugenio Asensio (*Poética y realidad en el cancionero peninsular de la Edad Media*) e José Pérez Vidal (*Endechas populares en trístofos monorrimos – siglos XV-XVI*) e também a coletânea *Poesia gallega medioeval*. Além disso, o autor incorpora imagens de *The Waste Land*, de T. S. Elliot, bem como assume a influência dos romances do autor inglês Richard Hughes.

Outro caso contundente desse caráter de multiplicidade linguística do autor está em *Muito soneto por nada* (1998), romance em forma de sonetos ingleses (que cisca um pouco na influência de *Pale Fire*, de Vladimir Nabokov). Cada “capítulo” joga consciente com a métrica rígida do decassílabo inglês, e a escritura, que mistura linguagem erudita com elementos da cultura *pop*, narra o arco da fascinação, a tentativa (frustrada) de consumação e enfim o descarte de um engate amoroso de um trovador contemporâneo em relação a uma moça que trabalha na xerox da universidade.

Para ficar em último exemplo, por enquanto, o autor volta mais ainda no tempo em *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008), onde se inspira no *Satyricon* de Petrônio para mais um resgate anacrônico, dessa vez em relação à linguagem das sátiras menipéias incorporadas pelo autor romano na sua obra-prima. Há

outros diálogos intertextuais, tais quais com Horácio, Ovídio e Apuleio. A própria costura dos diálogos à narrativa se vale de recursos empregados pelos autores latinos, como a ausência de aspas, travessões e parágrafos. Em prefácio, o autor também revela algumas fontes dessa pesquisa linguística. A narrativa acontece em Manguinhos na década de 1970, e também inclui pesquisa de fontes distintas do folclore capixaba que influenciaram o tom fabuloso da sátira encenada no balneário do município da Serra.

Acho importante dizer que nem sempre os livros de Reinaldo partem de uma pesquisa extenuante de linguagem. Como diz o próprio autor, "Essa escolha pode ser determinada de antemão, como usar linguagem arcaizante num romance ambientado na Idade Média, ou à medida que começa o trabalho de redação, como se esperando o peixe para fisgá-lo" (NEVES, 2018a, p. 1). No caso da novela *A confissão* (1999), inspirada na sua infância, a linguagem é eminentemente coloquial e contemporânea. O intertexto fica por conta de alguns signos da cultura *pop* que marcam a infância dos anos 1950. Em *Dois graus a leste, três graus a oeste* (2013), que são crônicas musicais sobre o jazz, prevalece a linguagem do cronista, e a pesquisa vem essencialmente de edições da revista *Down Beat* e de biografias de músicos.

Linguagem e tradição

Superada, em parte, a obsessão pelo novo impulsionada pelas vanguardas do final do século XIX e início do século XX, abriu-se espaço para um fenômeno que se convencionou chamar, por parte de alguns críticos da arte, como "cultura do remix". A era dos compartilhamentos e dos *creative commons* contribuiu para restituir o valor da imitação no universo da cultura. Sob o epíteto da apropriação e da recriação constante, a noção de originalidade se torna cada vez mais frágil, como se verifica, também, no rebobinamento *ad infinitum* do conceito de "morte do autor", de Roland Barthes, dentro do paetê acadêmico.

Ora, a originalidade é coisa muito recente na história da literatura. É sabido que os antigos imitavam. Camões imitou Petrarca. Virgílio adaptou Homero. Cervantes resgatou a linguagem dos romances de cavalaria. Shakespeare, acusado de plágio, prevaleceu porque aperfeiçoou histórias de outrem. Nessa tal de “era do remix”, a busca pelo novo também parece ter sido colocada para escanteio.

Claro está que, de maneira geral, as forças hegemônicas do capitalismo estendem seus braços sobre a cultura e frequentemente produzem enredos mastigados, re combinados à exaustão, ou mesmo ficções de realidade que por vezes assumimos sob a forma de “identidade”.

A artesanaria que podemos verificar na obra de Reinaldo Santos Neves, por sua vez, carrega a força de trazer enredos coletivos obscurecidos ou ignorados à luz da consciência sem relegá-los ao estatismo, exigindo do leitor a mínima disposição de rearticulá-los.

Não fui nem eu quem disse primeiro que: “Os romances de Reinaldo Santos Neves, bem diferentes entre si, encerram relevantes características da arte pós-moderna. Entre elas, cite-se a construção artística a partir do reaproveitamento de material de origens diversas” (VAZZOVLER; SANT'ANNA, 2001, p. 19).

Reinaldo faz seus mosaicos, ou colagens, como queiram, sob encomenda. O cliente? A linguagem.

Heidegger (1954) nos fala em um habitar da linguagem. Se a essência de qualquer coisa advém da linguagem, o artista é aquele que nela faz morada, pensando-a através da sensibilidade. O pensar comungado com o sensível é um paradoxo eminentemente fenomenológico, diga-se.

Adverte o filósofo alemão, contudo, que só há construção quando prestamos atenção ao vigor próprio da linguagem.

Enquanto essa atenção não se dá, desenfreiam-se palavras, escritos, programas, numa avalanche sem fim. O homem se comporta como se *e/le* fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que *e/la* permanece

sendo a senhora do homem. Talvez seja o modo de o homem lidar com *esse* assenhramento que impele o seu ser para a via da estranheza. É salutar o cuidado com o dizer. Mas esse cuidado é em vão se a linguagem continuar apenas a nos servir como um meio de expressão. Dentre todos os apelos que nos falam e que nós homens podemos a partir de nós mesmos *contribuir* para se deixar dizer, a linguagem é o mais elevado e sempre o primeiro (HEIDEGGER, 1954, p. 2).

No seu mais recente romance, *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer* (2018b), Reinaldo diz, em forma de citação *post scriptum*, que “a função maior do homem neste mundo é tornar-se literatura”. A frase, que aliás já figurava também no “Intróito” de *Sueli: romance confesso* (1989), reflete a atitude reverencial do autor em relação à linguagem literária. Sua motivação não vem de fora pra dentro (engajamento), tampouco de dentro pra fora (romantismo), mas é literária em si mesma. E é justamente na sua aparente despretensão que reside sua inventividade.

Eu acho que é quase impossível escrever um bom romance, uma boa obra, sem você, em outras palavras, ir à tradição. Tem autores que acham que eles são o início de tudo. Pelo menos para a própria obra. Acho que não querem reproduzir nada. Esses autores, geralmente, escrevem livros muito pobres, porque você dialogar com a tradição enriquece o seu livro. Enriquece. Borges achava que era impossível mesmo àquele cara “quero começar do zero”. Pô, e o que tá na cabeça dele que ele nem sabe que leu, acaba passando pro livro? Mas o trabalho consciente é melhor. Aí você controla melhor, trabalha melhor do que o inconsciente. Por isso que eu acho que muita pobreza literária é por causa da recusa dos autores de, vamos dizer assim, pagar o pedágio à tradição. Eu não trabalho sem a tradição, exceto Reino dos Medas (1971). Reino dos Medas não tem isso. Acho que eu queria falar só das minhas angústias de adolescente. Não dá. Dali pra frente, quase tudo, os meus contos também, eles têm uma carga muito pesada de dívida, não dívida, [trecho omitido na fonte] melhor dizendo, com a tradição. É sempre novo quando você trabalha com a tradição, entende? Você sempre renova a tradição, você não repete a tradição. É sempre o novo. Coisa nova (NEVES, 2011, p. 1).

Reinaldo, como autor, carrega o espírito do “amor literário”, de Harold Bloom, que diz: “...qualquer distinção entre vida e literatura é enganosa. Para mim a literatura não é só a melhor parte da vida; é em si mesma a forma da vida, e esta não tem nenhuma outra forma.” (BLOOM, 2011, p. 16). O amor literário é da estirpe do Eros, por se tratar sempre de uma busca, e na sua impossibilidade

de se concretizar como desejo, produz também sua angústia, que pode ser expressa nas palavras do próprio Reinaldo no conto "O destino de José Lourenço Tristão ou Chovia em quase todas as páginas", do livro *Heródoto, IV, 196* (2013):

Quem, hoje, será capaz de escrever melhor que Petrónio, que Cervantes, que Sterne, que Balzac, que Dostoiévski e Tolstoi, que Melville e Henry James e Machado de Assis? Só essa incapacidade já deveria ser suficiente para que jogássemos no lixo os nossos computadores e deixássemos de fazer literatura para fazer outra coisa (NEVES, 2013, p. 129).

Aí está o *agón*, o espírito competitivo da arte clássica de que trata Bloom, incorporando ao aspecto psicológico da refrega entre um autor e suas influências. Reinaldo entra nessa arena não sem disposição de conquistar seu coro: "é o prazer de reinventar léxicos e sintaxes, como em Malemort, e de reformular a linguagem até onde for plausível: maltratando-a por grande amor a ela, violentando-a com todo meu carinho, mas sem forçá-la, pelo menos não muito..." (NEVES, 1989, p. 105). Nesse sentido, a linguagem, sua malha; o amor literário, o tributo à tradição, seu martelo.

Uma pausa nas digressões pra dizer o que urge em ser dito. Mais do que qualquer discurso, é a obra em si que aponta as questões que o discurso somente reitera em termos vagos. Assim, sinto que o destino natural do artigo não pode deixar de ser, como não o deixará, a análise um pouco mais ampliada de uma das obras de Reinaldo. E como falei em era virtual lá em cima, escolhi tratar de um romance que lida intrinsecamente com esse universo. Próxima parada: *Kitty aos 22: divertimento* (2006).

A face pós-moderna do artesão de mil faces

Nem só de tradições arcaicas se debruçou o autor. Em *Kitty aos 22: divertimento* (2006), Reinaldo elege a linguagem dos blogs e da internet como forma de habitar (pra retomar a expressão de Heidegger) a cultura jovem do início do século XXI.

No romance, Maria Catarina Leme, conhecida pela galera como *Kitty*, é uma típica patricinha da Praia do Canto, que estuda Comunicação Social na "facul" particular católica, ganhou um possante Audi A3 de Daddy e frequenta baladas, praias e shoppings em Vitória, ou melhor Mictória. Seu universo de interesse se restringe especialmente à moda e ao rock americano, e consome à exaustão blogs e fotologs do tipo que se verificava aos montes no início dos anos 2000.

Mesmo lidando com o universo pasteurizado das baladas e desfiles de moda, Reinaldo consegue construir um romance sólido, e mesmo conferir densidade psicológica à sua personagem. O universo do livro é jovem e alienado, mas não seu público. Erly Vieira Junior diz:

Reinaldo promove um mergulho no efêmero e altamente mutável universo da cultura *pop* pra extrair dali uma estória bastante sólida, centrada na última semana de férias de julho da protagonista [...]. Aqui, as referências à cultura pop deste início de século não agem como uma camisa-de-força a reduzir os personagens a estereótipos desta ou daquela tribo" [...] Reinaldo consegue, dentro de um universo efêmero e supostamente descartável, construir uma personagem de densidade raramente encontrada na prosa brasileira contemporânea (VIEIRA JUNIOR, 2007, p. 94).

Para depurar a linguagem da obra, Reinaldo usou a própria internet como fonte de pesquisa, consultando blogs e sites que lhe deram as gírias e as palavras chulas que alimentam seu universo narrativo.

Sim, o mesmo autor que já escreveu frases como "é crespo teu cabelo, é crespo e tíope, / e urdido em trança xucra e abissínia" (*Muito soneto por nada*), também escreveu, na voz de Kitty, coisas como "Moh prova de amizade entre 2 mulheres é uma deixar o kminho livre pra outra conkistar o gato q tb ker." (NEVES, 2006, p. 32). Vocábulo como "humildar", "aleivoso" e "fornízio" (*Crônica de Malemort*) dão lugar aqui a outros como "rox", "zoeira" e "caralho", que se repetem em vários trechos. Não se fala dos discos antológicos de Charlie Parker ou Art Pepper (*Três graus a leste, dois graus a oeste*), mas sim das músicas do Audioslave, Aerosmith, Guns n' Roses, Linkin Park, dentre outras bandas de rock que são citadas aos montes no livro.

Ainda que permeado de vocabulário chulo, há momentos em que o narrador denuncia o autor então sexagenário que está por trás, como na frase "...a voz do pastor pregando no ar as garatujas de praxe" (NEVES, 2006, p. 17). Não acredito que alguém com menos cinquenta anos utilize uma palavra como "garatujas". Mas tudo bem, porque o autor assume, mais uma vez, em prefácio, seu distanciamento daquele universo. Depois de revelar que fonte da história é uma cena sonhada com sua protagonista, que lhe pedia um romance, Reinaldo diz assim:

Como procedi? A personagem e havia que ser jovem; o mundo era e havia que ser o mundo dos jovens de hoje. Então procurei-os onde estavam ao meu alcance: nos blogs disponíveis na internet. Ali fiz meu trabalho de pesquisa e dali extraí informações sobre minha personagem e seu mundo: material suficiente para criar o material e imaginar a mentalidade dos personagens e para produzir a narrativa. Batizei a personagem de Kitty – boa parte dos jovens de hoje usa diminutivos em inglês à guisa de apelidos (NEVES, 2006, p. 8).

Esclarece ainda que a grafia incorreta de certas palavras foi escolha consciente, e confessa: "Quanto ao perfil musical da personagem, foi construído se não às cegas certamente às surdas, já que rock não faz parte do meu mundo" (NEVES, 2006, p. 8). O autor afirma também que extraiu grande parte dos inúmeros itens de consumo citados no livro da revista *Monet*.

Além de algumas citações que também se aproximam mais de autor que de personagem, como *King Kong*, *Cabaret* e *De olhos bem fechados*, os intertextos mais explícitos ficam por parte do personagem Phil, namorado da mãe de Kitty, homenagem ao detetive durão Philip Marlowe, de Raymond Chandler (como ele era cogitado como narrador da história, conforme também dito em prefácio, Reinaldo supõe daí um certo tom *noir* que verificamos na narrativa), a mancha negra de Bruno Hodyak, irmã da que desfigura o rosto de Flory, em *Dias na Birmânia*, de George Orwell e, por fim, a citação irônica de Cinderela. Irônica, sim, já que a princesa, ao fim, vai cravar a ponta do salto de aço inoxidável dez centímetros pra dentro do lóbulo esquerdo de seu príncipe suposto, Bruno Hodyak, de quem ela "começa a gostar" antes dele se revelar um inimigo mortal.

“Fura o olho dele amiga”, alguns capítulos antes pede a amiga Lu, a primeira na história a sofrer nas mãos de Bruno (guardadas as proporções), jamais podendo prever que o seu rogo se tornaria um ato literal. Ironia dramática.

A fábula, aliás, é outro tom que figura na paleta de cores da obra. Pois ainda que irônico o romance terceiro-milenista, é uma fábula, e ainda assim, de amor, como ressalva o autor no começo do livro. E tem moral, como toda fábula, que é, nas palavras do autor: “Converter o jovem para uma vida de mais significado” (NEVES, 2017, p. 1). Fábula de amor, e, sendo de amor, de amor-próprio?

Para além do uso criativo do internetês e dos intertextos, tem a questão da metalinguagem – palavrinha gasta, mas é isso mesmo que é, que garante o divertimento literário, a meu ver. A instância narrativa estabelecendo um movimento de entra e sai. O narrador é algo zombeteiro, mas sutil. Quando Kitty não entende uma piada, ele narra assim: “Kitty achou que devia rir, e riu” (p. 213). Quando Bruno pede que ela dê o nome de um diretor que gosta: “Steven Spielberg – e sabe o nome de outro?” (p.175). Essa intrépida voz, ou “autor onisciente intruso”, como já se disse por aí, ainda por cima dá uma de consciência, fazendo perguntas retóricas à personagem que terminam com um “não é mesmo, Kitty?”, numa espécie de falsa complacência. “E ainda se vende barato, a piranha, né, Kitty?” (p. 26).

Desde o início, a metalinguagem, palavrinha gasta, comparece: “Kitty era e é - pois vai sobreviver à história - gostosa pra caralho.” (p. 15). Num outro cortejo hilário, mas dessa vez sem *spoiler*, o narrador sabe o que Kitty não sabe: o nome de um filme que a personagem mesma não conseguiu lembrar:

Kit-Kat. Aonde foi mesmo que viu esse nome antes mesmo? Não lembrou que tinha sido no filme *Cabaret*, com Liza Minelli. Kit-Kat é o nome do cabaré. Lembra não, Kitty? Também, há quanto tempo você viu esse filme? Três anos? Por aí. Você pegou na locadora, na prateleira de clássicos, e viu – lembra mais não? (NEVES, 2006, p. 195).

São as nuances metalinguísticas abrindo a janela da construção para o leitor, que o convidam a essa morada literária. Uma boa história e consciência literária são o bastante. O resto é pesquisa, seja ela qual for.

É, em suma, o “ser estético” de que fala Oscar Gama Filho:

Reinaldo Santos Neves não abriria mão de viver esteticamente nem para ser autor de um best-seller. Mas “Kitty aos 22: divertimento” (Flor&Cultura, Vitória, 2006) tem todos os seus ingredientes. Os vivos diálogos e a ação trepidante dos estranhos personagens desta novela de costumes, que critica a banalidade de suas vidas, parecem dignos de um filme de Woody Allen. Evitando tropeçar no caricato e no grotesco, misturou sua formação clássica ao pop e à novela policial para transformar o amálgama em pura energia estética (GAMA FILHO, 2017, p. 1).

Então tem isso. A coisa da carpintaria da linguagem, que vai da escrita medieval ao internetês, e questão da metalinguagem – palavrinha gasta -, utilizada com consciência, literária essencialmente, aqui explorada no caso de *Kitty aos 22: divertimento* (2006). Reinaldo, como um ferreiro, não manuseia o martelo pra destruir. Ele corta, dobra e forja a linguagem para moldá-la em sua forma não-líquida, o amor, dando pregnância, fôrma, forma de obra.

Neste artigo tentei demonstrar alguns méritos literários, essencialmente de linguagem, a partir da tradição, junto à escrita de Reinaldo Santos Neves. Espero ter conseguido. Acho que não exatamente, mas é sempre a busca, não é mesmo, Kitty?

Referências

BLOOM, Harold. *Anatomía de la influencia*. Traducción de Damián Alou. Madrid: Santillana, 2011.

GAMA FILHO, Oscar. Match point. *A Gazeta*, Caderno Pensar, Vitória, p. 2, 20 de maio de 2018.

HEIDDEGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: <www.fau.usp.br/wp-

content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf>. Acesso em: 8 maio 2018.

MARTINELLI FILHO, Nelson. *Confissão e auto-ficção na obra de Reinaldo Santos Neves*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

NEVES, Reinaldo Santos. *A confissão*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.

NEVES, Reinaldo Santos. *A crônica de Malemort*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

NEVES, Reinaldo Santos. *A folha de hera: romance bilíngue*. Vitória: Secult-ES, 2010.

NEVES, Reinaldo Santos. *Kitty aos 22: divertimento*. Vitória: Flor&Cultura, 2006.

NEVES, Reinaldo Santos. *Muito soneto por nada*. Vitória: Cultural-ES, 1998.

NEVES, Reinaldo Santos. *O ato de escrever*. Depoimento de Reinaldo Santos Neves na Escola Lacaniana de Vitória em 3 dez. 2003. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/o-ato-de-escrever-depoimento-de.html>>. Acesso em: 8 maio 2018.

NEVES, Reinaldo Santos. *A ceia dominicana: romance neolatino*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2008.

NEVES, Reinaldo Santos. *A longa história*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NEVES, Reinaldo Santos. *As mãos no fogo: o romance graciano*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

NEVES, Reinaldo Santos. *Dois graus a leste, três graus a oeste*. Vitória: Secult-ES, 2013.

NEVES, Reinaldo Santos. *Heródoto, IV, 196*. Vitória: Cousa; Estação Capixaba, 2013.

NEVES, Reinaldo Santos. *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer*. São Paulo: Patuá, 2018b.

NEVES, Reinaldo Santos. Divina tragédia. Entrevista concedida a Leandro Reis. 2018. *Rascunho*, Curitiba, n. 224, p. 16-17. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/divina-tragedia/?fbclid=IwAR09RdlFFORDiCfA37SV0nmyjBdMOTeAUz1jSmMwZDtvPQOuBY3hPGAZHXw>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

NEVES, Reinaldo Santos. Reinaldo sem fronteiras. Entrevista concedida ao site Panela Literária. 2011. Disponível em: <<http://robertobeling.blogspot.com/2011/04/reinaldo-santos-neves-entrevistado-por.html>> Acesso em: 10 jan. 2019

NEVES, Reinaldo Santos. Mais uma vez... *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 1, 26 out. 2017.

VAZZOLER, Djalma; SANT'ANNA, Mônica A. Heloane Carvalho. *Múltiplas escrituras. Reinaldo Santos neves: vida e obra*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

VIEIRA JR., Ery. Toda personagem tem o romance que merece. In: MACHADO, Lino; SODRÉ, Paulo Roberto; NEVES, Reinaldo Santos. *Bravos companheiros e fantasmas 2: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Ufes, 2007.

RESUMO: Reinaldo Santos Neves é um autor capixaba interessado em pesquisa de linguagens diversas em seus romances, um "artesão de mil faces" que assume uma linguagem distinta para cada projeto, que pode variar entre cantigas medievais, sonetos ingleses, crônica ou sátiras menipeias, pra ficar em alguns exemplos. A partir de uma breve explanação de seu processo criativo em algumas de suas obras, este artigo vai de encontro ao romance *Kitty aos 22: divertimento* (2006), que se debruça sobre a linguagem dos blogs da internet.

PALAVRAS-CHAVE: Reinaldo Santos Neves – Processo criativo. Reinaldo Santos Neves – *Kitty aos 22: divertimento*. *Kitty aos 22: divertimento* – Linguagem. Reinaldo Santos Neves – Tradição e inovação.

ABSTRACT: Reinaldo Santos Neves is a capixaba author interested in several languages research in his novels, a "a thousand faces artisan" that assumes a distinctive language for each project, which can vary between Medieval songs, British sonnets, chronicles or Roman satires, to stay in just a few examples. From a brief explanation of his creative process in some of his works, this article focuses on the novel *Kitty aos 22: divertimento* (2006), which works on the language of internet blogs.

KEYWORDS: Reinaldo Santos Neves – Creative Process. Reinaldo Santos Neves – *Kitty aos 22: divertimento*. *Kitty aos 22: divertimento* – Language. Reinaldo Santos Neves – Tradition and Innovation.

Recebido em: 1º de fevereiro de 2019.
Aprovado em: 19 de março de 2019.